

diálogos

espaço
democrático
Fundação para Estudos e Formação Política do PSD

no espaço democrático



INDEPENDÊNCIA, 200 ANOS

Conversa com
MARY DEL PRIORE
Historiadora e escritora





diálogos no espaço democrático são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD



Para assistir ao vídeo,
aponte a câmera do celular
para este código

A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, UMA HISTÓRIA EM MOVIMENTO

Em dois ou três anos o processo que resultou na Independência do Brasil, no dia 7 de setembro de 1822, ganhará novos ingredientes a partir de informações que estão sendo levantadas tanto por pesquisadores portugueses como brasileiros. A previsão foi feita pela escritora e historiadora **Mary Del Priore** em entrevista on-line realizada em agosto de 2022, no Espaço Democrático. Segundo ela, há documentos que permitirão redescobrir um período pouco conhecido da nossa História. Por exemplo, a tese segundo a qual a Independência ocorreu em 1º de agosto de 1822; o 7 de setembro teria sido apenas uma satisfação dada aos paulistas, tão engajados em todo o processo de emancipação quanto mineiros e cariocas.

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo e com pós-doutorado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, na França, Mary é uma das maiores especialistas em História do Brasil. É autora premiada de mais de 50 livros, o mais recente deles intitulado *A viajante inglesa, o senhor dos mares e o Imperador na Independência do Brasil*, no qual trata de dois personagens menos conhecidos, mas não menos importantes, da história brasileira: a viajante inglesa **Maria Graham** e o ex-oficial da marinha da Grã-Bretanha que participou da luta pela independência brasileira **Thomas Cochrane**.

Outro ponto da História que pode ser revisto, de acordo com a escritora, já foi levantado pelo historiador **Evaldo Cabral de Mello**: a Independência pode ter sido um golpe dado por D. Pedro I para manter um império no Brasil; historiadores portugueses, por sua vez, acreditam que Portugal queria a saída do Brasil do Reino Unido de Portugal e Algarve. “Já estavam cheios de ser colônia de uma colônia”, brincou ela.

Este caderno traz a íntegra da conversa com Mary Del Priore. Participaram da entrevista, coordenada pelo jornalista **Sérgio Rondino**, o superintendente do Espaço Democrático, **João Francisco Aprá**, os economistas **Luiz Alberto Machado** e **Roberto Macedo**, o cientista político **Rogério Schmitt**, o sociólogo **Tulio Kahn**, o gestor público e consultor na área de saúde **Januario Montone**, a secretária do PSD nacional, **Ivani Boscolo**, o gestor público **Andrea Matarazzo** e o jornalista **Eduardo Mattos**.



Sérgio Rondino - O Brasil está comemorando os 200 anos da proclamação de sua Independência de Portugal, em 7 de Setembro de 1822. Esse foi o tema desse *Diálogo no Espaço Democrático*, realizado no final de agosto com a historiadora e escritora Mary Del Priore, uma especialista em História do Brasil.

Mary Del Priore tem doutorado em História Social na Universidade de São Paulo e pós-doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, na França. Em 2022, foi eleita para ocupar a cadeira 39 da Academia Brasileira de Letras e recebeu duas vezes o Prêmio Casa Grande e Senzala. Também ganhou o Prêmio Jabuti, na categoria Ciências Humanas, com o livro *História das Mulheres do Brasil*. Também o livro *O Príncipe Maldito* levou o prêmio de melhor livro de não-ficção da Associação Paulista dos Críticos de Arte. Mary Del Priore é autora de mais de 20 livros sobre a História do Brasil.

Historiadora e escritora Mary Del Priore, seja muito bem-vinda ao Espaço Democrático.

Mary Del Priore - Encantada, Sérgio, por estar aqui nessa constelação de pessoas brilhantes que vêm tentando pensar e interpretar o Brasil. O grande prazer é meu.

Sérgio Rondino - Eu queria começar lhe perguntando, para a gente ser diferente nesse assunto, o que pouco se fala ou pouco se conhece sobre a Independência, que está completando 200 anos neste 7 de Setembro. A propósito, eu sei que você está preparando um livro sobre duas figuras ilustres da Inglaterra que tiveram importância nesse processo. Conte um pouco dessa história para a gente.

Mary Del Priore - Pouco se sabe sobre a Independência. É um período que despertou poucas atenções. Nós temos muitas biografias sobre D. Pedro, Leopoldina, José Bonifácio - a história cultural deu uma contribuição nesse sentido ao resgatar os indivíduos por trás das grandes figuras. Eu mesma escrevi um livro que foi mal recebido pelos paulistas - porque não fui muito condescen-

dente com ele - sobre José Bonifácio; e a minha opinião vem sendo corroborada por estudos mais recentes. Mas essas figuras todas vêm aparecendo agora com nova sonoridade e eu lembro que a contribuição dos historiadores portugueses, que estão muito ligados à questão das efemérides, vai também trazer novas luzes sobre esse assunto, a respeito do qual falta muito conhecer. Recentemente, um grande pesquisador, Nireu Cavalcanti, achou uma série de documentos, em Portugal, que comprovam que a Independência se fez no dia primeiro de agosto de 1822. O dia 7 teria sido apenas uma satisfação aos paulistas, que estavam extremamente engajados, junto com os mineiros e os cariocas, em todo o processo de emancipação. O grande Evaldo Cabral de Melo, que é um dos nossos maiores historiadores, vem insistindo no fato de que a Independência foi um golpe dado por D. Pedro para manter um Império no Brasil. Os historiadores portugueses dizem, pelo seu lado, que Portugal queria a saída do Brasil do Reino Unido de Portugal e Algarves - estavam cheios de ser colônia de uma colônia.

Então, como você vê, todo tempo estamos recebendo novas informações e eu acredito que dentro de mais dois ou três anos, com a reunião desse material, a gente saberá mais sobre o que foi a Independência, seus protagonistas - aliás, essa palavra, cuidado, quando a gente fala em grandes nomes os historiadores torcem o nariz. O protagonista hoje tem que ser anônimo, tem que ser aquela figura de escravo liberto, índio, caboclo, essas figuras têm que participar do processo também. Patriarcas não são mais os Andradas, mas são justamente essas figuras, que graças à proliferação dos cursos de pós-graduação em História por todo o Brasil vêm surgindo em todos os nossos Estados. As faculdades têm dado uma contribuição muito grande em resgatar esses outros patriarcas anônimos.

Sérgio Rondino - Perfeito, mas você falou de dois ingleses. Quem são, que papel tiveram?

Mary Del Priore - Thomas Cochrane, o famoso Lorde Cochrane, conhecidíssimo, fundador da Marinha do Chile. Você anda pelo Chile e vê estátuas, ruas e avenidas com o nome dele. O túmulo dele está na Abadia de Westminster, em frente do altar principal. Não há nenhum rei ou rainha que não se case sobre os ossos de Lorde Cochrane, um indivíduo que tem uma história liberal, um grande democrata, um grande liberal. Depois das guerras napoleônicas, a marinha inglesa foi completamente desmanchada porque não havia mais por que pagar tantos marinheiros, tantos capitães, tantos almirantes. E eles começaram a aceitar o convite, em grupos, para participar dessas guerras de libertação que ocorreram na América Latina. Thomas Cochrane veio para fazer a libertação do Peru e do Chile. E ele não conseguiu receber o dinheiro dele e por isso aceitou o convite de José Bonifácio para montar a Marinha aqui no Brasil - e ele saiu daqui sem receber a metade do que combinou com D. Pedro.



Lorde Thomas Cochrane

Nessa época o império inglês estava com os radares em volta do mundo e eles têm aqui as chamadas *South American Stations*, que são estações - em Pernambuco, na Bahia, no Rio de Janeiro e também em várias cidades litorâneas da América do Sul - por onde controlavam o comércio internacional e ao mesmo tempo armavam a rede dessa "empresa geopolítica" que vai se tornar o império inglês no século 19. Os ingleses estavam em toda parte. Tanto o Thomas Cochrane quanto essa escritora - as mulheres brilhando na história da Independência. A Maria Graham era uma mulher já consagrada na Inglaterra. Havia trabalhado durante muito tempo com um dos maiores editores ingleses, John Murray. Tinha publicado alguns livros sobre a Ásia, onde havia estado - ela esteve na Índia com o pai e, depois, com o marido. E veio para o Brasil. O marido dela era um capitão de fragata. Eles vieram em um navio-escola e ela perdeu o marido na viagem. E ela vai ser o que eu chamaria de uma jornalista dos acontecimentos que se desenrolam entre 1821 e 1825,



Maria Graham

que são os anos para a definição do que foi realmente esse processo de independências, com S por favor, porque os historiadores consideram que elas começam na Inconfidência Mineira e só terminaram depois nas revoltas regenciais.

Ela viu o que foi o rescaldo de 1817, em Pernambuco, as pessoas armadas numa rebelião que ainda vicejava na cidade, e que foi calada com baionetas e tiros por um rigorosíssimo homem do antigo regime, braço direito de D. João VI, que acabou com essa revolução em sangue. Depois ela foi para a Bahia, onde viu a situação dos grandes comerciantes portugueses e ingleses - os ingleses ainda estavam ali, também sob a tutela da marinha inglesa - que estavam se armando para ficar ainda afeitos ao Império, à monarquia portuguesa. Ela percebeu essas diferenças todas e dizia: "Eles estão preparando revoltas, isso aqui não vai aguentar, eles são republicanos, eles não querem mais Portugal". Ela chegou no Rio de Janeiro e foi espectadora do Dia do Fico. Ela estava lá - foi a cavalo, como boa inglesa - na atual Praça da República, e traçou um panorama muito ingênuo do que foi o Dia do Fico. Ali, os exércitos, todos maltrapilhos, as pessoas meio que deitadas em cima de farnéis, gente vendendo comida, as crianças correndo, aquele improviso que cercou o Fico.

Ela estava naquele momento em que D. Pedro estava com Leopoldina no Teatro D. Pedro e houve o anúncio de que as tropas portuguesas viriam buscá-lo para remetê-lo de volta a Portugal. E ela estava também na abertura da Constituinte. E depois tornou-se governanta de dona Maria da Glória, futura rainha de Portugal, e passou a viver dentro do palácio. Viu, ouviu, percebeu, sentiu o sofrimento de Leopoldina, que naquele momento tinha de aguentar a figura de madame Castro, como era chamada Domitila - ela só vira marquesa depois. Eu lembro que madame era o nome dado às prostitutas, na época. E a inglesa vai se aproximar

de Leopoldina, que era uma mulher culta - as duas falavam inglês o tempo todo.

E ela percebe algo que é pouco notado. Primeiro, Leopoldina sofre dentro do palácio toda a hostilidade dos cortesãos portugueses, que a odiavam. Há uma incompatibilidade desde o início, com a decisão sobre esse casamento. Eles queriam que D. Pedro tivesse casado com uma espanhola ou uma prima portuguesa. Então, essa estrangeira - elas são tratadas como estrangeiras, ambas, muito humilhadas o tempo todo. E ao contrário do famoso... "Ah, a Leopoldina, ali no momento da regência, ao lado de José Bonifácio"... Não, a Leopoldina realmente vai mostrar o empenho na Independência do Brasil, estando ao lado de D. Pedro, no arsenal da Marinha, recebendo marinheiros estrangeiros, soldados estrangeiros que vinham formar os batalhões do imperador - falando inglês, francês e alemão, porque o dele era absolutamente macarrônico. E se comunicando com Thomas Cochrane também, porque o inglês de José Bonifácio, embo-



Leopoldina

ra digam que ele falava 11 línguas, os testemunhos que nós temos de viajantes é de que ele mal falava o alemão e o inglês. Então, ela faz essas mediações e sobretudo faz o possível e o impossível para o pai dela reconhecer o Império do Brasil. (*Klemens Wenzel von*) Metternich, o poderoso, terrível Metternich, reconheceu o Império do Brasil e assim encadeou as outras monarquias europeias, que reconheceram o Império do Brasil.

Então, eram observadores da presença inglesa no Brasil. Não há uma casa em que não houvesse tapetes ingleses, gravuras inglesas; as botas dos donos das casas eram inglesas, o cavalo era inglês, o chá servido era inglês, a porcelana em que se tomava o chá era inglesa. Quer dizer, tudo era inglês: a rua do Inglês, a Vila do Inglês, o Bairro do Inglês, no Rio de Janeiro. Tinha hora em inglês, o restaurante inglês - onde se comia rosbife mal passado.

Então, é interessante porque a gente não se dá conta. Gilberto Freyre foi o pioneiro a se debruçar sobre essa questão dos ingleses no Brasil, mas eles não só tinham essa *South American Station* como os grandes comerciantes ingleses são os grandes devedores do Brasil. Os portugueses devem aos ingleses também. Então é interessante que quando começa aquele anti-lusitanismo que acabaria com a vida de D. Pedro, a abdicação de D. Pedro em 1831, os grandes inimigos a serem combatidos eram, em primeiro lugar, os portugueses, cascudos; em segundo lugar os temidos ingleses, a quem todas as grandes fortunas deviam alguma coisa. Então, essa presença inglesa no Brasil tem a ver também com essa dependência que o Brasil tinha de tudo o que era trazido para cá em termos de mercadorias, da enorme dívida que Brasil e Portugal teriam com a Inglaterra, quase 3 milhões de libras, e portanto, uma espécie de fantasma hamletiano pairando sobre a nossa Independência.

Luiz Alberto Machado - Mary, você acabou de mencionar uma coisa que para muita gente passa batido. Então, eu queria que você detalhasse essa questão da dívida do Brasil com a Inglaterra. Eu sei que há pessoas que exageram, dizendo que o Brasil pagou a sua independência de Portugal para Inglaterra, porque se não tivesse o reconhecimento da Inglaterra, provavelmente aquilo não teria repercussão no mundo. Mas eu queria que você explicasse um pouco mais porque nessa época o problema do poderio de um país sobre o outro era muito grande e mudava muito rápido.

Mary Del Priore - Essa dependência era tão maior que quando D. João VI volta para Portugal, esvazia o Banco do Brasil. É um momento em que o ouro brasileiro havia se esgotado, que o preço do açúcar havia caído e que os ingleses estão controlando o tráfico de escravos, que fez a fortuna dos



D. João VI

chamados comerciantes de grosso trato, em todas as grandes capitais - a luta contra a escravidão já datava do século 18, com William Wilberforce à frente, na Inglaterra -, e de fato o Brasil ficou com essa dívida enorme. Eu lembro das primeiras cartas de D. Pedro ao seu pai, D. João VI - eles tinham uma amizade muito sincera, muito bonita, é impressionante o que ele sofre com a perda do pai -, como eles se correspondiam. E mesmo naquele jogo que foi estabelecido entre eles - "D. Pedro vai, D. Pedro fica" - se revela todo o respeito pela figura paterna. Nas primeiras cartas, ele diz com todas as letras: eu estou me mudando porque eu não consigo pagar esse palácio, eu estou vendendo os meus cavalos, eu não tenho dinheiro. Quer dizer, a situação do Brasil, realmente era de grande penúria.

Mas se você me permite avançar numa outra questão que eu me esqueci de mencionar e que me parece de enorme importância, os ingleses percebem, desde o início, alguma coisa que a meu ver sobrevive até hoje: o fato de não sermos um Brasil, não sermos uma nação, não sermos um império, um povo. Eles só se referem ao Brasil, como "Brasils", falam sempre com S no final. Aliás, D. João VI só se referia aos seus Brasils. E por que? Nós vamos ver isso muito nitidamente no momento das lutas de emancipação: o Brasil era uma colcha de retalhos com interesses muito diversos. Maranhense chegava na Europa em um mês, mas demorava três meses para chegar ao Rio de Janeiro. A Bahia também tinha uma série de monopólios dos quais não queria abrir mão em relação à Portugal. Pernambuco, completamente republicano, queria ficar independente do Brasil.

Nós vamos ver essa reação nas chamadas guerras regenciais, que farão aparecer os tais protagonistas invisíveis, que são a gente do pequeno povo, as lideranças populares todas que são caboclas, negras - a Sabinada, a Cabanagem. E o que nós tínhamos aí? Um Brasil que jamais foi unido, que fi-

cou dividido em grupos de interesse, nas altas esferas - as grandes elites que acabam dominando - e mesmo nos adventos dos movimentos populares. Eram grupos de interesses muito diversos. E isso nós podemos identificar até hoje, quando olhamos o Centrão, por exemplo, que nada mais é que uma espécie de reflexo dessa colcha de retalhos que nós temos desde o século 19 e que os ingleses muito bem perceberam.

Túlio Kahn - Professora, a senhora menciona que caiu em desgraça na historiografia essa coisa dos grandes vultos e personalidades, que está em voga valorizar o papel dos caboclos, dos negros, das mulheres, dos camponeses, enfim. Eu digo isso porque está sendo exibida em São Paulo, por exemplo, uma exposição de heroínas da Independência. E há lá, por exemplo, o papel da Maria Quitéria, uma história muito interessante, eu acho, como curiosidade. Agora, o que me preocupa, do ponto de vista objetivo, do ponto de vista estatístico, vamos dizer, qual a representatividade das mulheres nos combates armados? É muito pequena, tanto quanto sabemos. Será que os historiadores de hoje estão lendo a história à luz das ideologias e das convenções do presente e deixando um pouco de lado a objetividade dos fatos?

Mary Del Priore - Hoje e sempre. Depois de anos da história positivista nós mergulhamos num marxismo desenfreado, só se estudava luta de classes. Eu pelo menos tentei fugir disso o mais rápido que pude. Mas você está coberto de razão, há um impacto muito grande disso que de alguma maneira tem silenciado nas universidades. Eu acabei de chegar do exterior, da França, da Itália, e professores da nossa geração, por exemplo, não concordam com essa perspectiva, de estar só consagrando as identidades, só valorizando os diferentes - e dentro das diferenças há diferenças. Não se estuda só gênero.

Se estuda, no caso da mulher negra, se ela é lésbica, se ela é de umbanda, se ela é católica. Quer dizer, você tem todas essas fragmentações que lamentavelmente nos afastam de qualquer projeto coletivo. Todos vivemos, nos anos 1970, 1980, movimentos coletivos, quer na luta contra a ditadura, quer na luta pela libertação da mulher, quer na luta, enfim, pelo consumo da maconha na praia de Ipanema. Nós tivemos várias lutas sempre lutadas em conjunto. E hoje eu diria que esses grupos identitários estão conseguindo o que era impensável, que é transformar projetos coletivos em nada.

E só para responder à sua questão direta sobre a Maria Quitéria, nos verbetes ela tem pouquíssima informação. Nós sabemos que ela foi filha de um agricultor - é bom esclarecer que o Brasil não tinha só senhores e escravos, nós tínhamos uma classe média já de pardos, brancos de classe média. O pai dela era um agricultor mediano. Ele se casou várias vezes, fica viúvo, e ela era filha do primeiro casamento, e como várias mulheres desse período, sabia manusear armas. Então, ela se inscreve no famoso Batalhão dos Periquitos. Ela participa só de duas



Maria Quitéria

batalhas. Mas, enfim, acaba se destacando nessas duas batalhas e depois acaba ganhando uma medalha de Dom Pedro. Mas, pasme, quando ela vem ao Rio de Janeiro - e lembro que esse é um momento de uma imprensa prodigiosamente rica em panfletos, jornalecos de todo tipo - é enxovalhada, é considerada uma mulher-homem - lugar de mulher não é na frente de batalha. Ela vai ser consagrada anos depois, quando a questão da história das mulheres, nos anos 1970, 1980, recupera essas figuras todas - como Joana Angélica, sobre quem a gente sabe pouquíssimo.

A Joana Angélica tem uma história interessante. Ela é atingida por uma baioneta defendendo a clausura do convento, mas isso se torna um escândalo nacional. Os jornais portugueses se recusam a falar do que havia acontecido - aliás, falam muito pouco

da guerra na Bahia - porque matar uma freira era um sacrilégio. Então, é uma das tais notícias que na época são censuradas em Portugal. Ela era uma mulher letrada - já havia farto letramento entre as mulheres nessa época, ao contrário do que se diz. As mulheres vão, sim, participar do movimento da Independência, quer escrevendo para a princesa Leopoldina, pedindo que ela apoiasse a emancipação - 180 e poucas baianas, quase 100 paulistas, todas mandam cartas.

Elas participam também através desses jornalecos, com pequenas poesias, pequenos ditos. As mulheres estão ali, muito atentas justamente dentro desse conjunto de opinião pública que está se construindo no Brasil através de quatro momentos dessa efervescência jornalística. O primeiro, que começa alertando para que o Brasil não continue vas-

salo de Portugal. E o segundo, no Fico, os jornais todos se mobilizam e temos aí grandes jornalistas escrevendo, é interessantíssimo, é de uma riqueza enorme esse momento dos nossos jornais, pedindo que ele ficasse. Depois a questão da Constituinte, que vai apaixonar também os grandes centros e é óbvio, o ocaso de D. Pedro, quando ele esse torna muito autoritário. Os jornais começam a persegui-lo, a começar pelos próprios Andradas, quando eles caem do ministério.

Mas, enfim, tudo isso para dizer que essas figuras femininas e a própria presença da Leopoldina, que vem sendo muito comentada, foi muito discreta. Ela não tinha, como qualquer princesa de sangue, qualquer interesse em ficar na linha de frente ou tomar conta do cenário. Ela fica como regente, como tantas mulheres ficaram - a Marie Louise, irmã dela, casada com Napoleão, fica como regente na época em que ele vai para Waterloo. Aliás, a avó e a bisavó de D. Pedro I ficaram como regentes quando da morte dos reis portugueses. Era hábito, não tem nada de espetacular nisso. É a famosa carta em que de fato ela envia. Mas hoje, dentro dessas discussões todas, como não se acha essas cartas, não se sabe o que aconteceu no dia 7 de setembro. Eu acredito que muita documentação vai se acumular por conta das pesquisas nascentes e nós teremos uma visão melhor da Independência daqui a algum tempo.

Rogério Schmitt - A minha pergunta, como cientista político, é como você vê o papel dos debates legislativos nas cortes de Lisboa, que antecederam o 7 de setembro, especialmente a delegação brasileira nas cortes de Lisboa. Eles exerceram também algum protagonismo nesse processo? Como você vê esse tema? Eu sei que também é subestimado na historiografia tradicional.

Mary Del Priore - Há coisas muito interessantes. O próprio pai da condessa de Barral, que foi a gran-

de paixão do imperador D. Pedro II, tem uma participação importante: o visconde de Pedra Branca, que era pardo e o José Bonifácio, muito malevolamente, chamava de visconde da Pedra Parda - estudando esses personagens a gente acaba vendo até como eles podem ser mesquinhos, ou demasiadamente humanos, como vocês preferirem. Mas, enfim, temos figuras interessantíssimas. Eu lembraria, por exemplo, a figura do Cipriano Barata, um baiano absolutamente empedernido, fantástico, grande inimigo dos Andradas. Vai denunciá-los o tempo todo, chamá-los de paxás. A gente vê aí, volto a dizer, como as elites não conjugam os mesmos verbos. Então, havia a Bahia, com projetos muito diferentes de São Paulo. E nós temos desde discursos onde, por exemplo, o visconde de Pedra Branca pede não só um empenho maior na educação das mulheres, mas fala até na possibilidade de as mulheres se divorciarem quando estivessem infelizes. Vejam que coisa impressionante. Isso, antes de 1822.



Quadro - Morte de Joana Angélica



D. Pedro I

Então, nós temos, sim, pessoas com muita clareza de situação. Eu lembro que a escravidão, por exemplo, era um tema totalmente subestimado. Os historiadores portugueses usam uma expressão que eu acho muito apropriada. Eles dizem que os nossos políticos eram “toleracionistas”, quer dizer, toleravam a escravidão até um determinado ponto; quando a situação econômica estivesse melhor, então algo seria feito. Mas esses debates estão sendo bastante estudados - não sou exatamente uma especialista, acompanhei um pouco porque obviamente faz parte até da própria trajetória que eu estudei do José Bonifácio. O que nós temos é essa divisão entre as pessoas que queriam - e eu lembro que a elite queria essa monarquia constitucionalista.

Aliás, a grande tese de José Murilo de Carvalho é a de que o que mantinha o Brasil unido eram essas elites que iam estudar em Coimbra e acabavam adquirindo um certo pensamento liberal com molho de Adam Smith - que já se lia aqui no Brasil - muita influência dos franceses, mas ao mesmo tempo, como o próprio José Bonifácio personifica, o horror de uma



Francisco de Sales Torres Homem

revolução, o horror de uma carnificina. Nós tínhamos tido o Haiti, sublevação de pretos miseráveis contra os grandes fazendeiros. Então, o eco dessas rebeliões todas estava muito fresco, esses liberais todos tinham pavor - fundadores do PSDB, todos em cima do muro - de assumir posições. A tese de José Murilo é a de que nós ficamos unidos por esse tipo de elite, isso é o que havia em comum entre eles. E a tese de quem estuda escravidão acho que é a de que ficamos unidos por causa da escravidão. Eu só lembro que não tivemos uma só escravidão, como diz agora aquele jornalista (*Laurentino Gomes*) que lançou três volumes, nós tivemos escravidões, no plural. A escravidão foi totalmente distinta nesses brasis dos quais eu falava. A escravidão da cana foi uma; a do café, outra; a do ouro foi outra; a do gado, outra. Em cada região nós vimos a libertação dos escravos. O Brasil foi o país que mais libertou escravos em todas as Américas. Então, nós já tínhamos uma classe média de pretos e pardos, que inclusive vai ficar à volta do imperador. Isso é pouquíssimo sabido, é coisa que não se fala. O visconde de Montezuma, por exemplo, Francisco Brandão, era a coqueluche de D. Pedro I, que se apaixonou por aquele baiano que era jornalista. Ofereceu até um título para ele, ao que respondeu, arrogantemente: “O que eu vou fazer com esse título na Bahia? Não me maltratar; eu não quero favor nenhum do Império, eu quero é lutar pela Independência do Brasil”. Quer dizer, nós temos o Montezuma.

Nós temos figuras como o nosso grande Francisco de Sales Torres Homem, que seria um preto, mas ele era pardo e foi uma figura notável. Ele queria estudar Medicina - aliás, a faculdade de Medicina tinha muitos pretos, mulatos e mestiços - mas ele foi para a Sorbonne, onde se formou, e trouxe o Romantismo para o Brasil. Se tornou conselheiro de D. Pedro II e é o nosso primeiro presidente pardo do Banco do Brasil. Tem uma história absolutamente fantástica.

O médico de D. Pedro I, em cujos braços ele morre - é um pardo. O ginecologista de dona Teresa Cristina era outro pardo. Nós tínhamos uma corte de homens pardos... Generais negros eram vistos dentro do Palácio de São Cristóvão beijando as mãos da agora imperatriz Leopoldina. Isso contado pela Maria Graham. Então, há uma classe média emergente que é pouco conhecida, mas que existiu e é muito interessante de ser estudada. Muitos deles, ex-participantes das cortes, vieram com essa experiência, mas a representação do Brasil foi pequena e é muito interessante saber que já existiam membros das cortes escrevendo nos jornais que o Brasil não interessava mais. “Vão embora, não queremos vocês”.

Ivani Boscolo - Quando eu estava na escola, e eu acho que é o caso da maioria aqui, a gente tinha o dia de cantar o Hino Nacional, o Hino de São Paulo, a gente tinha que reverenciar a bandeira e ter orgulho dos símbolos pátrios. Hoje, isso deixou de existir. Você raramente vê isso acontecer. E quando alguém coloca uma bandeira na janela da casa, ou é brega ou é bolsonarista. O que você me fala disso? Uma curiosidade que eu tenho, saber por que nós chegamos a esse limite.

Mary Del Priore - Bem, a nossa República tem quatro símbolos, a gente sabe. Primeiro é o tal do símbolo da República, que como eu já disse, é completamente ignorado, as pessoas não sabem nem o que é certo. O segundo símbolo é o selo. Eu deixo o assunto para os filatelistas, eu não sou filatelista. Terceiro assunto, é a bandeira brasileira, que está sendo agora apropriada pelos movimentos da extrema-direita exatamente dentro desse contexto nazi-fascista, fascista, o que vocês quiserem, de recuperar uma memória que é construída em torno de heróis, de batalhas, enfim, de grandes figuras. E a questão do Hino. Getúlio Vargas, por exemplo, era

apaixonado pelo Hino do Brasil. O Getúlio deu toda a força para o rádio no Brasil. O rádio começou a se disseminar no País - e em muitas cidades pequenas eram colocados em postes, nas farmácias, alto-falantes voltados para a população. E se inventou, então, a *Hora do Brasil* - eu acho que só na Coreia do Norte existe alguma coisa parecida com a *Hora do Brasil* (*hoje chamada A Voz do Brasil*). O Getúlio, então, fez essa promoção do Brasil através do Hino, que era cantado com regularidade, e também a promoção dos cantores brasileiros e de uma música extremamente nativista.

Durante a ditadura, quem não pegou no colégio a famosa Educação Moral e Cívica, que era uma bomba para todo mundo. Mas acabou. Nós temos uma civilização de redes, de equipamentos tecnológicos, então acabou a reverência a esses símbolos que foram, de muitas maneiras, consolidados dentro dessa perspectiva positivista. O relativismo que invadiu as Ciências Humanas acabou com essas questões.

João Francisco Aprá - Professora, você já deu respostas a todas as perguntas que eu gostaria de fazer. Então, eu gostaria de saber o que lhe fez entrar nessa carreira de historiadora, professora, uma carreira tão bem construída.

Mary Del Priore - Eu tive uma carreira diversa de tudo o que você pode imaginar. Sempre fui muito apaixonada por História, desde pequena, mas também tive uma educação muito privilegiada, comecei a ir para o exterior muito cedo. Nós passávamos férias na Europa. Eu me lembro de brincar de esconde-esconde com o meu irmão no Museu do Louvre. Nessa época não tinha ninguém, ninguém ia a museu, era programa para quem não tinha televisão, na época os hotéis não tinham televisão.

João Francisco Aprá - Eu fazia isso no Museu do Ipiranga...

Mary Del Priore - Era bom, né? Eu tive uma adolescência muito solitária, lendo muito. Havia uma biblioteca enorme em casa, um capital cultural importante. Mas eu comecei a estudar quando era mãe de três filhos. Fui fazer vestibular e tomei bomba na USP porque eu não sabia Física nem Química, eu era da época do Clássico. Aliás, mulher não fazia conta, não sei se vocês se lembram dessa época. Mulher era sempre mulher e bastava, né, Ivani? Era mulher de alguém e bastava, não precisava ser mais nada. Mas aí entrei na PUC, fiz rapidamente a graduação, entrei para a pós da USP e passei direto para o doutorado quando houve um concurso. Havia uma resistência enorme na família, o marido, o meu pai, que achava um absurdo. Eu passei no concurso em primeiro lugar e fui aprender a ser historiadora. Não sabia nada, fui aprender a dar aula. Mas como eu sou muito faladeira, gosto de contar histórias, eu acho que falava tanto para os meus alunos, contava tanta coisa, que eles gostavam. E fiquei na USP durante muitos anos, mas nunca gostei da vida corporativa da universidade, que na época era muito militante, muito agressiva. Não era do PT, mas na época havia uma verdadeira caça às bruxas nas universidades. Mas não foi isso que me afastou da

universidade, não. É porque eu tinha mesmo um projeto de escrever para o grande público. Eu achava que faltava História para o grande público. Na época chamava-se isso de divulgação. Quando eu saí da USP, fui muito criticada porque os meus colegas achavam humilhante fazer divulgação. Mas eu assumi e ganhei muitos prêmios. Meu primeiro livro, *O Príncipe Maldito*, foi logo premiado, (a condessa de) Barral, uma enxurrada de prêmios. Eu jamais desisti desse projeto.

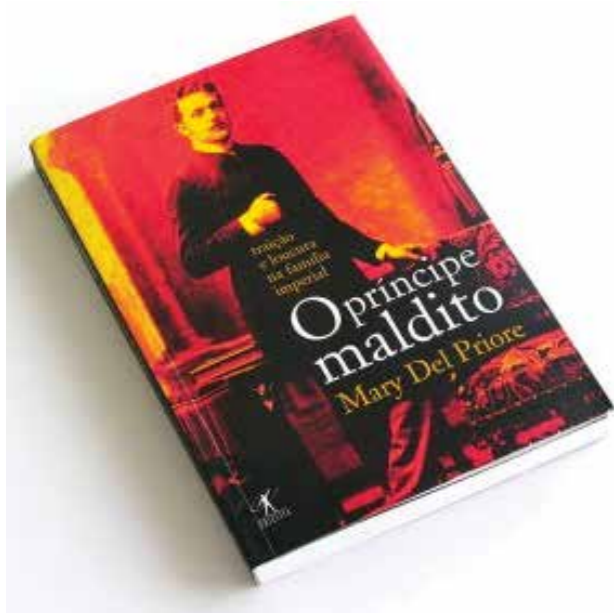
Hoje, existe uma cadeira nas universidades que se chama História Pública. Essa é uma cadeira que foi criada nos Estados Unidos, por um professor que entendia que os alunos dele não tinham onde se colocar. Eles iam para o chão de fábrica, para as escolas do primeiro ou segundo grau, ou então ficavam esperando a morte ou a aposentadoria de alguém para poder entrar na carreira do que seriam as nossas universidades estaduais ou federais. Então, hoje se pensa o papel do historiador em vários meios de comunicação, nos museus, na propaganda, na mídia. A ideia é que o historiador seja um produtor de conteúdo. É fácil fazer isso? Não é. Então, é uma dificuldade, os historiadores estão desempregados. Eu digo sempre que estamos nos vulgarizando, vamos acabar entregando pizza porque o brasileiro não lê História, quem faz história é a TV Globo, que conta, através das novelas, histórias ridículas.

Januario Montone - É realmente uma delícia te ouvir. Eu quero levantar uma questão que tem me despertado muita curiosidade. Você falou de vários negros e pardos que tiveram papel relevante na Independência e, depois, no Império. Eu acompanhei um debate a respeito de Machado de Assis. Que era negro ou descendente de negro já se sabe, mas se ele se via ou não como negro. Há uma discussão movimento negro sobre se ele pode ser cultuado como negro pela literatura

brasileira. Porque ele não se apresentava como negro, ele não se via como negro - nessa tese, não sei se essa tese é real. Esses personagens que você citou, que cercavam D. Pedro e tiveram essa proeminência: eles atuavam como negros ou como pessoas? Ou protagonistas?

Mary Del Priore - Nós tivemos, inclusive, negros da maior importância. Eu vou citar aqui aquele que para mim é o supracumulo, o Juliano Moreira, grande mentor, o introdutor de Freud no Brasil, o que introduz na psiquiatria brasileira um tratamento humanizado para os doentes mentais. É um baiano. Ele começa a estudar com 14 anos, o padrinho dele é um médico importante da Universidade da Bahia, fundada por D. João VI, e ele faz uma carreira absolutamente meteórica, internacional. Ele foi o único estrangeiro que ganhou do imperador japonês a mais alta comenda, a mais alta medalha

do império japonês. Foi o Juliano Moreira - e não tem nenhuma estátua para ele. Eu lembro que o Nilo Peçanha foi o nosso Obama. Ninguém fala do "mulato do Morro do Coco", que era um epíteto que ele tinha inclusive na imprensa. Um presidente absolutamente prodigioso, que corrigiu uma série de falhas, que introduziu o ensino técnico no Brasil - ele era um grande entusiasta do ensino técnico -, um homem preocupado justamente com o destino desses egressos da escravidão, que não foram tantos. Todo mundo fala: "Ah, quantos escravos se arrastando pelas estradas". Não, hoje se sabe - é o que eu digo, tem que ler História - que poucos se arrastaram pelas estradas. A maioria comprou terras, ficou nas fazendas, e gradativamente as segundas gerações já vieram para o Rio de Janeiro, para aquela área industrial que estava se formando em Bangu, para trabalhar no porto, ou em Santos, mas, enfim, eles se organizaram.



Nilo Peçanha - presidente do Brasil

Agora, o que aconteceu, e que o movimento negro não costuma falar, o próprio Juliano Moreira é um exemplo: ele era um negro retinto, casado com uma alemã. Houve um branqueamento dessa gente. Nós sabemos: como diz o Alberto da Costa e Silva, todos os brasileiros têm no fundo da gaveta uma avó cabocla, preta, mulata, índia. Nós sabemos disso. O Jorge Caldeira mostrou que São Paulo é eminentemente uma mistura de índio com português e nós temos isso no Brasil todo. Os viajantes que chegaram no século 19 já descreviam essa classe média impressionante. Não passam despercebidos para eles os negros que têm escravos, que vestem bem suas mulheres, suas essas mulheres consomem - a gente vê nas gravuras de (*Johann Moritz*) Ruggendas, elas todas arrumadas. Mas, enfim, é essa presença que precisa ser capturada novamente. O coitado do Gilberto Freyre ficou com essa fama de ser um apologista da mestiçagem, e a mestiçagem seria uma coisa ruim... Mas hoje é um debate muito americanizado, é um debate que se exportou. Acho justo que as pessoas queiram construir suas memórias, mas é importante não desvirtuar. Nós temos também as heroínas negras no momen-



Juliano Moreira

to da Independência, mas são heroínas muito mais ficcionalizadas - tradições populares que vão ganhando carne e osso - do que exatamente um fato histórico. Mas eu acho importante que todos possam construir a sua memória, mas não debatendo se o Machado se achava negro ou não, que não há elementos para tal. Vamos falar daqueles negros que ultrapassaram o preconceito.

Tem o caso do Barão de Guaraciaba, não sei se você conhece, ali no Vale do Paraíba. O Barão de Guaraciaba era filho de uma escrava com português. Mulato, portanto, ninguém sabe exatamente a cor da pele dele, o quão negro ele era, mas as pinturas mostram um homem bem escuro, e ele, com oito anos, começou a tocar violino em enterros. Fazia pequenas abotoaduras com pedras semi-preciosas. Ele morava no Sul de Minas. A madrinha deixou um dinheirinho para ele e se tornou tropeiro. Lembro que o tropeirismo foi de fundamental importância para a economia nessa transição do século 18 para o século 19 e o tropeiro não era só alguém que somente levava tropas e transportava mercadorias. Ele era um canal de informações - e informações sobre vendas de fazendas. E rapidamente, aos 16, 17 anos, já tinha fazendas próprias. Aos 20 e poucos anos já era sócio de casas de grandes comerciantes do Rio de Janeiro. Em suma, ele acabou como banqueiro. A fazenda de Roberto Marinho, lá perto de Vassouras, era do Barão de Guaraciaba, que ganhou o título de D. Pedro II. Um benemérito da cidade de Vassouras, fundou hospitais. Um homem negro que soube ultrapassar a questão do preconceito. Então, em vez de honrarmos esses ancestrais, que todos temos em alguma gaveta, como diz o Alberto da Costa e Silva, ficamos debatendo essas questões de dermatologistas, a meu ver. "Era muito negro, não era muito negro...". É como diz o Caetano, somos todos mestiços. Não é melhor isso? Olha aí as nossas caras.

Helio Michelini Pellaes Neto - Com frequência nós falamos e repetimos que o Brasil não tem memória, que brasileiro é um povo sem história, pouco dado à História. Por outro lado, a senhora citou o Japão. Eu fui ao Japão algumas vezes e percebi como alguns temas, como o da bomba, por exemplo, é frequente na cultura japonesa. Hoje, num momento tão polarizado do Brasil, o que eu percebo é um fenômeno como a ditadura, um momento militar extremamente presente nessa polarização. Por outro lado, a corrupção como um fenômeno um pouco mais elástico e mais continuado, também presente nessas discussões, e os problemas estruturais - a fome, a educação, a saúde e tudo. Será que nós vamos ser capazes de nos divorciar desse passado e pensar projetos ou entender a História é ficar preso no passado ou aprender e usar para novas ideias, novos projetos. Porque eu percebo que há um conflito. O brasileiro sem memória, ou uma memória obstaculizada no momento, com incapacidade de compreender o passado para atuar no futuro.

Mary Del Priore - Eu escrevi um livro que se chama *História da Gente Brasileira*, quarto volume, exatamente sobre esse período que vai de 1950 até 2000. Eu queria fazer um olhar mais largo, queria simplesmente sair da questão política, que todo mundo conhece: a eleição de Jânio contra a corrupção de JK, o golpe militar. E hoje os historiadores têm muito cuidado ao falar desse período porque, finda aquela, digamos, febre marxista nas universidades, o que se sabe hoje é que esses anos de chumbo foram igualmente anos de ouro. Os economistas aqui não concordam comigo: o Brasil cresceu muito. O que aconteceu é que nós tivemos uma migração do campo para a cidade, inclusive pela oferta de trabalho. O número de estações que foram criadas, as obras feitas no Brasil. Os militares podem ser chamados de tudo, mas eles tinham um projeto para o Brasil. A gente queren-

do ou não, os caras tinham um projeto para esse país. Tudo isso criou uma classe média que nós desconhecíamos. E o meu enfoque nesse livro foi mostrar como é que essa classe média se alimentou de uma identidade consumista. Não somos cidadãos, somos consumidores e os consumidores dessa época sabem que os anos de chumbo são os anos das férias e do 13º salário, são os anos do Fusca, são os anos da televisão, são os anos dos shopping centers, são os anos dos supermercados. Nada disso existia no Brasil.

Então, as pessoas saem do mato, largam a enxada, vêm para as grandes cidades, começam a ganhar dinheiro, confundem a sua prosperidade com aquela do país. Eu me lembro que numa época em que muitos produtos estrangeiros chegavam ao Brasil, havia muitas enquetes, enquetes com jovens. Você pega as enquetes dos anos 1980, por exemplo, nós já estamos aí em plena abertura, já havia acabado a ditadura, e o jovem com 16 ou 17 anos tinha dois sonhos: queria trabalhar no mercado de capitais e comprar um Opala. Esses eram os sonhos. Não tinha ecologia na pauta. Ecologia era 0,1%, ou qualquer coisa assim. Tem um filme do Arnaldo Jabor, recentemente falecido, chamado *Opinião Pública*, que é a cara dessa juventude. Está todo mundo pensando em ganhar dinheiro, comprar carro, gastar, viajar pelo Brasil, fuscas, férias, praias. As praias não existiam. A gente não sabe disso. As praias eram locais de lixo, de velho e de cachorro. As praias foram descobertas nos anos 1960. Houve a revolução sexual, o biquíni, a maconha, a noite, a boate. O Brasil sofreu uma revolução, a gente não se dá conta. E o Brasil só virou Brasil por causa da *Rede Globo*, do *Jornal Nacional*, porque antes esses links todos não estavam feitos.

Então, se a gente olhar para além da política... Quando, em 2016, durante o Petrolão, falou-se em pixuleco, vocês lembram disso, a palavra apareceu. Eu conheço essa palavra de documentos do sécu-

lo 18. Porque os senhores de engenho da Bahia tinham que mandar “pixuleco” para Lisboa para conseguir dos juizes de lá ter as suas dívidas pagas aqui no Brasil. Então, o “pixuleco”, o judiciário, a corrupção estão aqui desde sempre. Mas essa ideia de que não somos cidadãos, não nos sentimos republicanos porque nada nos interessa no que diz respeito ao Estado, vivemos o toma-lá-dá-cá... Eu lembro de um sociólogo que vocês todos devem estar lendo, que é o Leonardo Avritzer. Ele fala nesse ‘familismo amoral’, que é outra versão da tese do Sérgio Buarque, de que nós temos, no público, a mesma versão daquilo que somos no privado: protegemos os amigos, cortejamos a família, é dando que se recebe. E se a educação tivesse acompanhado esses anos de ouro...

Muita coisa foi feita. A gente se queixa de copo cheio. Mulher se queixando, então, não admito. Eu digo que a única revolução que deu certo foi a revolução das mulheres. O comunismo foi para o brejo, o socialismo foi para o brejo, mas as mulheres estão aí na sua revolução. Estão batendo lá no teto de vidro, mas é o que eu digo: até quem almeja grandes postos, calma, os homens morrem antes, a gente vai chegar no lugar de vocês, é uma questão de tempo. A gente está em movimento. Mas esse consumidor, que ganhou dinheiro, comprou um Fusca, televisão, foi no supermercado, mas não se educou e está lá na *Rede Globo* se informando sobre o Brasil, esse cara está votando no Centrão e o grande risco que nós corremos, elegendo o Lula

ou não, é o Centrão mandar no Brasil, como está mandando hoje. Não sei se respondi, mas é isso o que eu penso.

Sérgio Rondino - Escritora e historiadora Mary Del Priore, quero agradecer demais pela gentileza de nos atender hoje aqui nesse Diálogo no Espaço Democrático. Muito obrigado pela sua participação e sobra aí um tempinho para a sua palavra final.

Mary Del Priore - Quero agradecer, é um prazer e uma honra estar com vocês. Meu Deus, eu acho fantástico que a gente possa se reunir para conversar. Acho que no Brasil está faltando tanto escutar. As pessoas têm falado bastante, mas têm dado pouca escuta e pouco acolhimento. Acho que uma das características talvez das mulheres na política será justamente essa propensão para o acolhimento. Muito obrigado, estou às ordens. Quem estiver querendo botar filho na USP, pense duas vezes. O destino é entregar pizza. Então, quem não gostar muito, vai ser ruim. Obrigado.

Sérgio Rondino - Maravilha. Aplausos para você. Eu quero agradecer a participação de Januario Montone, Ivani Boscolo, Tulio Kahn, Luiz Alberto Machado, Rogério Schmitt, João Francisco Aprá, Helio Michelini, Eduardo Mattos e Andrea Matarazzo. Agradeço especialmente a você que nos acompanhou até esse momento. Muito obrigado e até o próximo Diálogos no Espaço Democrático.



<p>Presidente Alfredo Cotait Neto</p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo</p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha</p> <p>Secretária Ivani Boscolo</p> <p>Diretor Superintendente João Francisco Aprá</p>	<p>Conselho Consultivo</p> <p>Presidente Guilherme Afif Domingos</p> <p>Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Cláudio Lembo Omar Aziz Otto Alencar Rafael Greca Ricardo Patah</p>	<p>Conselho Superior de Orientação</p> <p>Presidente Gilberto Kassab</p> <p>Conselheiros Antonio Brito Belivaldo Chagas Carlos Massa Ratinho Junior Eduardo Paes Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Marcos Trad Rodrigo Pacheco Samuel Hanan</p>
---	---	---



www.espacodemocratico.org.br